

Brasil perde CZ\$ 2,6 bi com cacau

MILTON COELHO DA GRAÇA
Correspondente

LONDRES — O Brasil perdeu quase US\$ 40 milhões (CZ\$ 2,6 bilhões) quando a cotação do cacau deu um mergulho ontem, caindo US\$ 138 por tonelada. Mas, para a Costa do Marfim, primeiro produtor do mundo, o prejuízo é quase o dobro e terá repercussões econômicas e políticas muito maiores.

A queda de preço, ontem, foi consequência imediata do fracasso da reunião da Organização Internacional do Cacau. Quando, à 1h30m da madrugada de sábado, os membros do conselho da OIC deixaram o encontro sem um entendimento entre produtores e consumidores, o Embaixador da Costa do Marfim em Londres, chefe da delegação de seu país, mostrava uma fisionomia desanimada. Mas sua saída tornou-se ainda mais representativa do drama dos países africanos que dependem do cacau, quando a figura abatida de sua excelência entrou no único e reluzente Rolls-Royce estacionado

diante da sede da conferência.

Para os diplomatas brasileiros, que lutaram até o fim por um compromisso capaz de sustentar as cotações, deve ter sido especialmente duro perceber os sorrisos irônicos dos delegados dos países ricos. O único brasileiro alegre era o representante da Associação dos Exportadores, Carlos Schneider, que desde o princípio da reunião manifestara o desejo de ver prevalecer as leis do mercado, mesmo que, a curto prazo, significasse prejuízo para o Brasil.

Na opinião de Schneider, o Brasil acabará sendo beneficiado pela falência do acordo do cacau, porque sua produtividade é maior: a arroba de amêndoa de cacau é preparada e ensacada em apenas 5,5 jornadas (diárias de salário mínimo), enquanto os africanos precisam de oito a nove. Graças a isso, os produtores brasileiros, segundo Schneider, poderão sobreviver às condições adversas do mercado, que serão insuportáveis para outros países e, a médio prazo, a eficiência será recompensada.